



O DISCURSO DO CAPITAL E O DISCURSO DA GESTÃO: FUNCIONAMENTO DA DENEGACÃO DISCURSIVA E EFEITOS DE SENTIDO DE EDUCAÇÃO

Ildo Ronan Vilarinho Júnior¹

Este estudo, fundamentado na Análise de Discurso e referenciado em Michel Pêcheux e Jean-Jacques Courtine, ao analisar o funcionamento discursivo de recorte isolado da *live* “Orientações sobre o Encerramento do Ano Letivo de 2022”² proferida pela Secretária de Educação do Rio Grande do Sul em 14 de dezembro de 2022 – a formulação “As competências socioemocionais não são uma coisa separada das competências cognitivas”, buscou compreender o discurso filiado a uma Formação Discursiva Neoliberal em que estão inscritos sentidos que fazem retorno de uma memória imbricada por relações de dependência entre interesses pedagógicos e econômicos.

A memória discursiva é entendida por Pêcheux ([1983] 1999, p. 52) como “[...] aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita”. É através da memória discursiva (suporte semântico de um discurso) que outros discursos outrora mobilizados são recobrados como repetição regularizadora. Não se trata de uma memória cognitiva ou psicológica e, sim, de uma memória discursiva, que sofre o impacto de acontecimentos³ os quais produzem deslocamentos de sentido. Segundo Courtine ([1981] 1999, p. 53), “A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos” – o que significa que ela diz respeito aos enunciados que se inscrevem nas FD, no interior das quais eles recebem seu sentido. E mais: se a memória discursiva se refere aos enunciados que se inscrevem em uma FD, isto significa que ela diz respeito não a todos os sentidos, como é o caso do interdiscurso, mas aos sentidos autorizados pela forma-sujeito no âmbito de uma formação discursiva, como nos faz ver Indursky (2011). Mas não só: a memória discursiva faz circular, ao se recobrar, no enunciado, outros discursos que já foram mobilizados – como numa repetição regularizadora. O sujeito enunciator agirá, quanto a este movimento de resgate e repetição, como se estivesse enunciando algo que não é sabido. E ela também diz respeito aos sentidos que devem ser refutados. Ou seja, ao ser refutado um sentido, ele o é também a partir da memória discursiva que aponta para o que não pode ser dito na referida FD. A memória discursiva ainda tem um outro funcionamento: é em função dela que certos sentidos são

¹ Mestre em Educação pela FAGED-UFRGS- Membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Análise do Discurso (GPEAD-UFRGS), professor de História e Filosofia, Diretor de escola pública, Educador Social.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EW3yeuFqWbo>.

³ A palavra “acontecimentos” não pode ser tomada como correspondente a circunstâncias. Indursky (2008), a esse respeito, apresenta caracterização muito elucidativa ao propor, desde Pêcheux, que o acontecimento discursivo estabelece o “[...] surgimento de uma nova forma-sujeito e, por conseguinte, de uma nova formação discursiva” e o acontecimento enunciativo determina a “[...] instauração de uma nova posição-sujeito no interior de uma mesma FD”. Ocorre sempre o deslocamento de sentidos.



“esquecidos” – o que aponta para importante elucidação feita por Courtine ([1981] 1999) quando adverte que o trabalho de uma memória coletiva, no seio de uma FD, permite a lembrança, a repetição, a refutação, mas também o esquecimento destes elementos de saber que são os enunciados⁴.

As condições de produção do discurso, desde Pêcheux ([1969] 2010) e Pêcheux e Fuchs ([1975] 2010), foram compreendidas como o conjunto de elementos que influenciam a forma como um discurso é produzido – ou as “determinações que caracterizam um processo discursivo” (Pêcheux; Fuchs, [1975] 2010, p. 182). No que se refere à *live* que se constitui como *corpus* empírico deste estudo, as condições de produção incluem tanto a memória quanto a conjuntura histórica, política e ideológica – um momento pós-pandêmico que coincide com o final de um governo federal de direita que representou retrocesso no campo da educação. No plano estadual, o alinhamento à ideologia neoliberal se traduziu em uma política educacional cuja preocupação consistiu em reduzir os índices de reprovação, nem sempre através da correspondente melhoria no ensino que se poderia supor como pré-condição para se atingir tal finalidade. Sob a justificativa dos efeitos pandêmicos sobre a aprendizagem, foi possibilitada a aprovação em massa dos estudantes com consequente dissimulação dos índices. Como observado por Vilarinho Júnior (2025, p. 85-86),

[...] nas escolas públicas gaúchas, os compromissos inflacionados e a intensificação na cobrança por resultados se fazem acompanhar de piores condições de trabalho, salários achatados e estruturas físicas precárias. Este cenário deixa entrever o quanto há uma tentativa de fazer valer princípios idealizados e oriundos de razões de mercado para uma realidade na qual condições de produção da Educação são precárias. Além disso, no setor público o fenômeno de inchaço das responsabilidades da instituição se estende à equipe diretiva, igualmente sobrecarregada, na medida em que necessita dar suporte, sem ter as mínimas condições necessárias, ao trabalho do professor, às famílias e aos estudantes. No ensino público é a escola, como um todo, que vê suas tarefas esgaçadas sem que sejam garantidas mínimas condições adequadas para tanto.

No discurso do Estado que exige o surgimento da categoria “superprofessor” – o que é dito por diferentes sujeitos que ocupam lugares específicos na gestão da educação pública e se inscrevem em determinada posição no discurso, silenciamentos são reconhecidos. Parafraseando Orlandi (1993), quando discorre a respeito da “política da palavra”, se está sendo insistentemente dito um certo “x” segundo o qual a escola (e, por extensão, o gestor e o docente) precisa se comprometer com demandas cada vez maiores e mais diversas, esse “x” é dito a fim de que determinado “y” (o esvaziamento do Estado no que se refere à garantia de direitos e de bem-estar social) não seja dito. Nestas condições de produção irrompe o dizer recortado para análise. Nele chama a atenção o processo de denegação. A marca “não” produz um efeito de sentido de unidade na medida em que a relação entre os termos “competências socioemocionais” e “competências cognitivas” é designada pelo que ela não é – “uma coisa separada”. Algumas questões se apresentam a partir daqui para serem observadas, buscando compreender “[...] a relação de articulação dos processos [discursivos] sobre a base linguística” de tal modo que seja possível reconhecer a “[...] tomada de

⁴ Orlandi (1993), ao discorrer a respeito das relações entre silêncio e memória, retoma esse argumento de Courtine e propõe que a memória é feita de esquecimentos, de silêncios, de sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silenciamentos.



posição do 'sujeito falante' em relação às representações das quais ele é o suporte" (Pêcheux, [1971] 2014, p. 128-129). Faz-se necessário nos determos na marca "não" e entendermos que o seu uso está assentado sobre uma afirmação daquilo que o objeto não é, em oposição ao que ele é, como num paradoxo – ao negar, tenta afirmar algo que se supõe ser. O sentido de negação de algo produzido, ao tentar se desvencilhar do sentido contrário – o sentido de afirmação de algo, reforça justamente essa percepção que tenta negar: as competências socioemocionais são de fato separadas das competências cognitivas. Ocorre uma denegação: ao dizer "*p* (as competências socioemocionais) não é o caso (não são uma coisa separada das competências cognitivas)", é como se o sujeito falante dissesse "*p* (as competências socioemocionais) na verdade é o caso (na verdade são uma coisa separada das competências cognitivas)". O sujeito é "traído" por seu próprio dizer, porque sempre há o outro e sua historicidade. O sujeito é "traído" pelo seu próprio dizer que irrompe em um contexto educacional pós-pandêmico que coincide com a reeleição de Eduardo Leite para o governo do Estado do Rio Grande do Sul e com investimentos ampliados na implementação da BNCC aprovada em 2018 sob a chancela de fundações e grupos empresariais.

Outro aspecto ainda é possível destacar na formulação: o sentido produzido pela marca discursiva "coisa" funciona por paráfrase – desde a relação com as marcas "competências socioemocionais" e "competências cognitivas", o sentido desliza de 'algo sobre o qual nada se sabe' para 'algo que envolve empreendimento' e para 'algo que tem importância'. Que importância? Não está dito, mas a relação parafrástica permite supor que não seja importância predominantemente pedagógica. O dizer irrompeu em uma conjuntura política em que são assumidas ações interessadas na reconfiguração do conhecimento escolar com o intuito de estabelecer o modo como os sujeitos são conduzidos e devem conduzir a si mesmos em contextos subordinados a princípios neoliberais que estão costurados com a lógica do alargamento das funções da escola. Em uma conjuntura de políticas públicas de educação com ênfase ampliada no desenvolvimento das competências socioemocionais, como forma de preparar o estudante, assujeitando-o, para que "livremente" funcione de acordo com as necessidades do mercado e do capital, as marcas "coisa", "competências socioemocionais" e "competências cognitivas" produzem um efeito de sentido de apagamento dos princípios pedagógicos comprometidos com a construção protagonista do conhecimento pelos sujeitos em função da invasão do discurso pedagógico pelo discurso neoliberal, fazendo retorno de uma memória de escola-empresa organizada a partir de conceitos como "capital humano" e "eficiência".

A partir de Michel Pêcheux é possível entender a paráfrase não como simplesmente uma reescrita com outras palavras do mesmo texto haja vista ela funcionar como contrapartida de um dizer o qual se supõe sedimentado e de um sujeito que se pretende livre das determinações históricas de seu dizer. A elaboração de paráfrases permite observar o funcionamento do discurso e a relação entre sentidos que o constituem, pois

[...] as diferentes possibilidades de formulação que caracterizam toda enunciação, quando recuperadas pelo analista por meio da elaboração de paráfrases, funcionam como sintomas ou vestígios do processo de produção de sentidos dominantes (interdiscurso), que rege aquela dada situação discursiva, ou seja, abre via de acesso à "estrutura invisível" que



determina a forma pela qual o sujeito, determinado sócio-historicamente, se faz presente no discurso do indivíduo, mesmo que à revelia deste (Sarti; Chiaretti, 2016, p. 73).

A partir de Catherine Fuchs, em texto de 1983, a paráfrase linguística pode ser tomada desde a equivalência formal entre frases (perspectiva lógica), a sinonímia entre palavras ou frases (perspectiva gramatical) e a reformulação (perspectiva retórica e literária). Desde a Análise de Discurso Materialista, pela resignificação do conceito de paráfrase linguística e seu deslocamento para a paráfrase discursiva, esta é entendida como estando na dependência da formação discursiva e do confronto com formações discursivas outras – o que já é antecipado na **Análise Automática do Discurso (AAD-69)** em que Pêcheux ([1969] 2010) pensa o funcionamento da paráfrase desde as relações de sentido assim como são constituídas no interior da formação discursiva. De acordo com Pêcheux e Fuchs ([1975] 2010), a análise da paráfrase é uma ferramenta para entender como os sentidos são produzidos e como os enunciados são construídos, não se limitando à equivalência de significação, mas focando no processo de acontecimento discursivo (Pêcheux, [1983] 2015) – um discurso, ou uma prática de linguagem em um contexto histórico e social determinado, surge, não para repetir o conhecido, mas para produzir um sentido outro, afetando tanto a memória quanto a relação entre a língua e a história.

Assim sendo, os sentidos produzidos pela marca discursiva “coisa” são administrados por relações de poder, determinações históricas e injunções institucionais. Impossível ignorar que o discurso foi produzido em um tempo no qual a Secretaria de Educação busca informações a respeito da necessidade de investir nas competências socioemocionais junto à Fundação Ayrton Senna. Estando a formulação inscrita numa Formação Discursiva Neoliberal, o que pode e deve ser dito escapa ao sujeito e está determinado face as condições de produção de dada conjuntura – o que está associado ao redirecionamento da Educação para o mercado de trabalho que entende ser fundamental o desenvolvimento de competências socioemocionais, porque necessárias ao atendimento das demandas da produção e à submissão às normas da empresa. Não obstante, na esteira de um certo oportunismo quanto aos efeitos pandêmicos avalizarem a aprovação em massa, a *live*, ocorrida a apenas 3 dias do final daquele ano letivo, trouxe uma “surpresa” – o anúncio de que uma nova chance de aprovação seria proporcionada aos estudantes, mediante um plano a ser elaborado pelos professores e executado pelas famílias dos estudantes durante as férias de janeiro:

O alargamento das funções da escola, identificado nos efeitos decorrentes da nova oportunidade concedida aos alunos e que impacta a produção dos professores, traz, como contradição, um estreitamento em seus direitos (o sobretrabalho, ou seja, produzir ainda mais, sem alteração em suas remunerações, remete à superexploração do trabalhador), além de uma restrição de autonomia (do professor e da escola), esvaziando funções intelectuais, reduzindo-os ao papel de executores alienados de funções que outrora estiveram em suas mãos (e da escola) – [...] a possibilidade de gerir, com autonomia, as decisões sobre os processos de avaliação e aprovação/reprovação (Vilarinho Júnior, 2025, p. 145).



Vale retomar o funcionamento da denegação no discurso: ao dizer, negando a separação das competências e sua correspondência à “coisa”, o sujeito do discurso também deixa de dizer afirmando tal separação e tal correspondência. Freud ([1925] 2011), ao conceituar o fenômeno psicológico e linguístico a que a noção de denegação refere, mostra como ela pode encobrir uma afirmação, e que isto constitui uma suspensão, mas não uma aceitação do recalcado. Portanto a afirmação está articulada à denegação que está associada ao recalque: o que é irrompe sob a forma do que não é. No ensaio, Freud ([1925] 2011, p. 250) refere um diálogo no qual o paciente comenta a respeito de um sonho em que alguém “[...] pergunta quem pode ser esta pessoa no sonho. Minha mãe não é”. No que se refere a esse “não”, Freud toma a liberdade de “ignorar” a negação, porque se trata exatamente da mãe do paciente – a negativa se configura como uma afirmação uma vez que é como se o paciente dissesse: “É certo que me ocorreu minha mãe, em relação a esta pessoa, mas não quero admitir esse pensamento”. Assim sendo, na formulação “As competências socioemocionais não são uma coisa separada das competências cognitivas”, o sentido de negação é produzido no intento de escapar de um possível sentido (contrário) que não deve circular. A denegação reforça que a dimensão socioemocional é considerada como dimensão distinta e apartada da cognitiva. Parafraseando Freud ([1925] 2011), é como se o sujeito da enunciação dissesse que, “Em relação às competências socioemocionais, quase pensei em dizer que elas estão separadas das competências cognitivas, mas não quero reconhecer isso”. Embora no dito seja negada a separação das competências com domínio de uma (a socioemocional) sobre a outra (a cognitiva), através da formulação “p não é o caso”, isto é, através da denegação propõe-se o sentido inverso de que “p é o caso”, de que as competências não são pensadas como relacionadas e igualmente relevantes para a educação e formação dos estudantes.

O discurso irrompe na conjunção entre língua e história. Sujeito e sentido são constituídos em função da inscrição ideológica da enunciação e dos lugares em que o sujeito enunciator se inscreve: conforme a posição do sujeito, a formulação terá um sentido ou outro, algo será dito para que algo não o seja. Em sendo assim, é possível complementar buscando apoio em Pêcheux e Fuchs ([1975] 2010, p. 169) quando alertam que o “[...] sentido de uma sequência só é materialmente concebido na medida em que se concebe esta sequência como pertencente necessariamente a esta ou àquela formação discursiva” – o que convoca a considerar a “exterioridade relativa” da formação discursiva no interior do discurso da Secretaria Estadual de Educação. Percebe-se, pois, a partir da compreensão do funcionamento da denegação no discurso da gestão da educação pública no Rio Grande do Sul, a disputa pelos/entre os sentidos de educação que flutuam da compreensão de escola como esfera de preparação do estudante para conformá-lo às exigências do trabalho, com assimilação das diretrizes de organização da educação coerentes com o modo de produção capitalista neoliberal, para uma perspectiva que concebe a escola como sendo a de tempo livre para aprender – sentido que, em relação de litígio com os saberes dominantes que circulam no interior da Formação Discursiva Neoliberal, existe, insiste e resiste na ausência por meio da qual se faz presente.



REFERÊNCIAS

- COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento da enunciação discurso político. *In*: INDURSKY, F.; FERREIRA LEANDRO, M. C. (org.). **Os múltiplos territórios da análise de discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, [1981] 1999. p. 15-23.
- FUCHS, Catherine. A Paráfrase Linguística – Equivalência, sinonímia ou reformulação? **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 8, p. 129-134, 1983.
- INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. *In*: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (org.). **Práticas Discursivas e Identitárias. Sujeito & Língua**. Porto Alegre: Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Coleção Ensaio, 22).
- INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. *In*: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. **Obras Completas**: o eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, [1925] 2011. v. 16, p. 249-255.
- ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, [1969] 2010. p. 61-161.
- PÊCHEUX, Michel. Língua, ‘Linguagens’, Discurso. *In*: ORLANDI, Eni P. (org.). **Análise de Discurso** – Michel Pêcheux. Campinas: Pontes Editores, [1971] 2014. p. 121-129.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. Campinas, São Paulo: Pontes, [1983] 1999. p. 49-57.
- PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, [1983] 2015.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, [1975] 2010. p. 163-252.
- SARTI, Milena Maria; CHIARETTI, Paula. O lugar da paráfrase no trabalho do analista do discurso. **Revista Investigações**, v. 29, n. 2, p. 69-89, jul. 2016. Disponível em: <https://xjournals.com/collections/articles/Article?qt=x2gU3Y/WRhNvnAXxUYQ9mNpUWTKhVdOhWNT1rTrJTcxJyvRDVUyYwG0dS2B7nP1yPGITRINTvxss9tmrLadzXQ==>.
- VILARINHO JÚNIOR, Ildo Ronan. **Gestão da Educação Pública no Rio Grande do Sul**: funcionamento do discurso e constituição dos sentidos de alargamento das funções da escola. Porto Alegre: UFRGS, 2025. Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EW3yeuFqWbo>.